

ALÉM DO NOSSO CONTROLE

Ele não teve culpa... mas não
conseguia se perdoar

Por DUGAN

QUANDO eu tinha 13 anos, meu pai se envolveu num acidente de carro. Um acidente que, embora não o tenha ferido, quase o matou.

Ele era o meu herói – alto, moreno, incrivelmente bonito, com dentes perfeitos que faiscavam quando ele ria ou cantava. Tinha aprendido a cantar ouvindo discos de Mario Lanza, e sua voz perfeita de tenor enchia a casa, o jardim e até as florestas onde nós dois costumávamos caminhar e pescar.

Papai e eu éramos a parte da família que gostava de viver ao ar livre, enquanto mamãe ficava em casa com Trisha, minha irmã mais nova. Nos fins de semana, parávamos junto aos riachos cristalinos para apreciar as aranhas aquáticas deslizando na superfície, catávamos girinos nos pântanos e percorríamos trilhas na floresta, recolhendo ossos de animais. Quando eu me cansava, ou

quando a correnteza dos rios estava mais forte, meu pai me levava em seus ombros fortes.

Apesar de gostar da rusticidade da vida ao ar livre, papai era um homem terno, com um profundo respeito por todas as formas de vida – até mesmo as aranhas e os besouros encontrados dentro de casa, ele os recolhia e soltava do lado de fora. Era também uma pessoa obsessivamente cautelosa. Nas férias da família, sempre dirigia abaixo do limite de velocidade permitido, o que nos deixava, a mim e a Trisha, loucas da vida.

Mas, por ironia, um garoto de bicicleta entrou abruptamente na frente do carro dele. Num segundo, a vida do menino chegou ao fim. E a de meu pai também, pelo menos como tinha sido até então. De risonho e extrovertido, ele se tornou retraído. Luto e desespero pareciam estar presentes em cada gesto e em cada pensamento seu. E embora tivesse consciência de que não causara o



acidente, a culpa instalou-se em seu espírito.

Trisha e eu sabíamos que tinha havido um acidente, mas papai nunca nos falou sobre o assunto. Nossa família agia como se o fato mais dramático que já nos atingira simplesmente não houvesse acontecido. Agíamos como se nada tivesse mudado – embora nada mais fosse como antes.

EM 1962, papai foi transferido no trabalho. Ele fez as malas e foi de avião para Albuquerque buscar um carro, enquanto mamãe, Trisha e eu íamos visitar parentes.

Papai dirigia muito bem. O trabalho exigia que fizesse muitas viagens de carro, e ele já havia percorrido milhares e milhares de quilômetros sem nenhum acidente. Normalmente, achava relaxante dirigir. Mas naquele dia a estrada estava muito movimentada, cheia de tratores, carros, ônibus de turismo e caminhões. E o carro estava trepidando na velocidade costumeira de papai, um pouco abaixo do limite de 60 milhas por hora (96,56 km/h). Entretanto, a 100 km/h a trepidação diminuía e, passada uma hora ou pouco mais, ele se fixou nessa velocidade. À medida que foi vencendo os quilômetros, papai relaxou, apreciando o belo cenário. E começou a cantar.

À tarde, transpôs uma serra e chegou a uma cidadezinha na entrada de um vale cuja vista era de tirar o fôlego. Ali a estrada era nova, de asfalto liso e regular, e todo o trânsito

pesado parecia ter ficado para trás, do outro lado da montanha.

Ao sair da cidade, papai acelerou para ultrapassar um motorista de cabelos brancos, que ia devagar feito uma carroça. Mas, assim que os dois carros emparelharam, o homem acelerou, forçando meu pai a aumentar a velocidade para conseguir completar a ultrapassagem. Vendo que o velocímetro marcava mais de 60 milhas por hora, papai desacelerou. Um ciclista solitário pedalava à sua frente, no acostamento. Papai sempre mantinha uma boa distância dos ciclistas, mas dessa vez isso não era possível, pois um velho caminhão do Exército vinha em sua direção, fumegando ruidosamente. Então ele notou que o ciclista era apenas um menino.

O caminhão passou, e papai se aproximou da faixa divisória de pistas, tentando aumentar a distância entre ele e o ciclista. Nesse instante, o garoto deu uma guinada brusca, bem na frente do carro. Meu pai meteu o pé no freio, as rodas travaram e o automóvel derrapou, os pneus cantando, deixando marcas escuras por 12 metros no asfalto.

Onde estava o menino?

Ele viu a roda da frente da bicicleta rolar e cair numa vala. Quando o carro finalmente parou, papai saltou, correndo em disparada com as pernas trêmulas.

Os olhos do garoto já estavam dilatados. Papai ouviu a própria voz, aguda e distorcida, perguntando sem parar: “Você se machucou? Vo-

cê se machucou?” O garoto continuava imóvel e mudo. Um dos pés tinha perdido o sapato.

O caminhão do Exército voltou e o motorista, um homem alto, de olhos tristes, encostou a cabeça no peito do menino e pensou ainda ouvir o coração. Meu pai, sempre trêmulo, voltou ao carro e pegou a mala, de onde tirou suéteres e um casaco.

Com todo o cuidado, acomodou o garoto sobre as roupas. Notou a mancha de sangue que se espalhava no *jeans* dele e rasgou a perna da calça, expondo a fratura.

O tecido adiposo aparecia no ferimento. Treinado em primeiros socorros, papai fez um torniquete acima do ferimento, para estancar o sangue. Mas o sangue tinha parado de correr.

“É lamentável”, disse o motorista do caminhão. “O senhor não teve como evitar.” Meu pai ouviu essas palavras como se ditas a imensa distância, e guardou-as no fundo da mente.

Estava entorpecido, exceto pelos olhos, arregalados. Como se estivesse observando a si mesmo, começou a tomar providências: tirar a bicicleta da estrada, desviar o trânsito, responder a perguntas. Um policial apareceu, com uma câmera fotográfica e uma fita métrica.

“A que velocidade estava?”, indagou. Essa pergunta ficaria para sempre gravada na alma de meu pai.

A que velocidade ele estaria? Lembrava-se de ter acelerado para ultrapassar o homem idoso, mas em seguida reduzira a velocidade novamente. Não havia olhado o velocímetro. Tinha a impressão de ter diminuído para deixar o caminhão barulhento passar, acelerando em seguida para ultrapassar o ciclista. Mas não sabia a que velocidade vinha, e não poderia ter certeza... jamais. Aquela pergunta se transformou numa obsessão. A velocidade em que dirigia teria contribuído para a morte do menino?

Seguindo para a delegacia a fim de fazer o registro de ocorrência do acidente, perguntava-se se seria preso. Mas o xerife o liberou, recomendando que mantivesse contato. No entanto, aquilo não era suficiente para meu pai. Precisava conversar com os pais

do menino. O xerife então o levou até a fazenda onde moravam.

A casa estava cheia. A mãe, sentada no sofá, chorando, encontrava-se cercada por várias mulheres, todas com o rosto marcado pelas lágrimas. Com delicadeza o xerife fez as apresentações, explicando a presença de meu pai.

Um homem de cabelos encaracolados, o pai do menino, saiu do banheiro. Tinha acabado de fazer a barba e se cortara bastante. Estava com um brilho furioso nos olhos,

*O carro de meu pai
derrapou,
deixando marcas
no asfalto. Onde
estava o garoto?*

porém manteve o controle enquanto ouvia meu pai, cuja voz soava aguda e infantil aos seus próprios ouvidos, ao dizer ao homem o quanto lamentava o ocorrido.

O pai do menino insistiu para que fossem até o local do acidente, a fim de fazer uma reconstituição. Com os dentes trincados, fez uma série de perguntas, inclusive "A que velocidade o senhor estava?" Quando voltavam para o carro do xerife, ele disse a meu pai o quanto o filho ajudava na ordenha das vacas e em outras tarefas na fazenda.

Terminada a provação de encarar a família, meu pai precisava agora contar à mamãe o que tinha acontecido. *O que dizer à sua mulher num momento desses?*, pensava. *Ela passaria a olhá-lo como um assassino de crianças? Ainda poderia amá-lo?* Afinal, meu pai telefonou. O nó na garganta era tão apertado que ele mal pôde falar, mal pôde responder quando minha mãe reafirmou seu amor por ele. Depois, ficou por um tempo ainda na cabine telefônica, tentando respirar. A pressão que sentia no peito parecia a ponto de esmagar-lhe o coração e os pulmões.

O dia já havia se transformado em noite quando por fim meu pai se hospedou num hotel de estrada. Ali, sozinho, pensou em suicídio. Ora se sentava atordoado na beira da cama,

ora caminhava de um lado para outro em desespero. Sua vida parecia inútil. Sentia que jamais estaria quite com o mundo outra vez.

No dia seguinte ao acidente, minha mãe começou a viagem de mais de mil quilômetros para reencontrá-lo. Antes que Trisha e eu o víssemos, uma semana depois, fomos alertadas por mamãe de que talvez ele parecesse mudado. Lembro-me de examinar seu rosto, procurando sinais de mudança, mas meus olhos nada viam de diferente. Eu estava enganada. Meu pai vivia agora uma vida dupla. Para as filhas e os colegas, mostrava uma expressão de calma inabalável. Mas muitas vezes aquele homem, que não chorava desde os tempos de criança, soluçava em segredo nos braços da mulher.

Ele nunca mais cantou. E um estranho medo começou a crescer dentro dele. Talvez, para compensar, Deus reclamasse a vida de uma de suas filhas. Sempre acreditara num Deus amoroso e paternal. Agora, sem conseguir compreender como Ele permitira aquele acidente, sentia medo de uma divindade cruel e vingativa.

Certo dia, pedi-lhe para ir pescar com Trisha, um pouco além de nossa nova casa. Papai ficou na dúvida. Ventava forte, as ondas quebravam na praia. Nadávamos bem, mas mes-

*Ele sempre
acreditara num
Deus amoroso.
Agora o medo
crescia nele.*

mo assim ele hesitou. Implorei. Relutante, acabou concordando, mas precisou obrigar-se a continuar sentado à escrivaninha. No entanto, a toda hora se levantava e ia até a janela. Por duas vezes, chegou a ir até a porta para nos trazer de volta, mas voltou a sentar-se. Quando começava a se concentrar no trabalho, um barulho o fez levantar-se de um salto. Pela janela, ele me viu correndo para casa, gritando, a voz cheia de pânico, o rosto molhado de lágrimas.

No mesmo instante, ele *soube* que Trisha tinha se afogado. Abriu a porta e saiu correndo feito um louco para o lago, agarrando-me pela mão. Ainda de longe, viu Trisha na praia, segurando minha vara de pescar. Quando chegamos perto, notou que a linha de pesca ia dar direto no olho dela.

Papai segurou Trisha pelos ombros com as mãos trêmulas e disse-lhe palavras de conforto, com a voz embargada. Notou, com alívio, que o anzol tinha penetrado de leve na pele abaixo da sobrancelha direita. Com cuidado, tirou o anzol do pequeno ferimento. O olho de Trisha não tinha sido atingido.

Ele olhou o anzol entre os dedos, assombrado. De repente, um sorriso rompeu a máscara que aprisionava suas emoções. Pela primeira vez em muito tempo, meu pai riu alto, de puro alívio. E, tomando-nos pela mão, levou-nos para casa.

Talvez a recuperação de papai tenha começado naquele dia, quando viu que Deus não lhe exigiria um sa-

crifício pelo acidente ocorrido. Então ele começou a mudar – dessa vez para melhor. Voltamos para as Black Hills, as montanhas que papai tanto amava, e fomos morar numa casa na entrada de um cânion coberto de pinheiros.

O tempo passou, e meu pai voltou a ter prazer na vida. Numa noite de primavera, quase dois anos depois do acidente, eu o vi escalar a parede oeste do cânion. Pouco depois, ouvi sua voz poderosa fluindo numa canção pelo anfiteatro natural. Quando desceu, senti como se meu pai estivesse finalmente voltando para mim. Não era exatamente o mesmo de antes. Era um homem que atravessara o inferno, mas sobrevivera.

TRINTA ANOS DEPOIS do acidente, papai me deu o texto que escreveu falando daqueles momentos terríveis e de como tinham afetado sua vida. Lendo-o, eu chorei.

Há dois anos, meu amado pai estava em seu leito de morte, com câncer. Ele quis me dar sua bênção, dizer-me que a vida é preciosa, embora muitas vezes alguns fatos fujam ao nosso controle. No entanto, mesmo quando algo terrível acontece, Deus é perdão. E, com essa certeza, podemos perdoar a nós mesmos.

Papai me pediu que contasse essa história a outras pessoas, para que elas soubessem disso. É o que estou fazendo.

“ Entre Aspas ”

Quando a situação não é ideal, a gente pode fazer o melhor possível.

—MARIA TEREZA MALDONADO em *Lições de vida para maiores de 50* (Ediouro)

A maioria das pessoas não se importa com as críticas — contanto que sejam sobre outra pessoa.

—SUSAN I. WIENER em *National Enquirer*

Você perde 100% das tentativas que nunca faz .

—WAYNE GRETZKY

Conhecer-se é estudar a si mesmo em ação junto a outra pessoa.

—BRUCE LEE,
Tao of jeet kune do (Ohara Publications)

O trabalho mais importante que você e eu poderemos fazer será entre as paredes de nossa própria casa.

—HAROLD B. LEE

Fazer o melhor neste momento o coloca na melhor situação para o próximo momento.

—OPRAH WINFREY

Sem amigos você é como um livro que ninguém se dá ao trabalho de ler.

—Citado na revista *Psychology of Women Quarterly*

**Florescer
livremente — eis
minha definição
de sucesso.**

—GERRY SPENCE, *How to argue and win every time* (St. Martin's Press)

O ego é o duendezinho feio que mora debaixo da ponte entre sua mente e seu coração.

—DENNIS MILLER, *The rants* (Doubleday)

O problema do casamento atual é que as pessoas não se namoram, elas passam a viver de maneira oposta à que viviam antes de casar.

—TÁSSIA CAMARGO, citada por
MARINA COLASANTI em *De mulheres,
sobre tudo* (Ediouro)

Você não pode ajudar uma pessoa a subir um morro sem estar, você próprio, bem perto do topo.

—GENERAL H. NORMAN SCHWARZKOPF

O passado realmente aconteceu, mas a história é apenas o que alguém escreveu.

—A. WHITNEY BROWN,
The big picture (HarperCollins)